

DO BRAZIL.

Sexta feira 1.º de Maio de 1812.

Fallai em tudo verdades

A quem em tudo as deveis.

Sã e Miranda,

PARIS 1.º de Dezembro de 1811.

Bonaparte recolhendo-se a esta Capital depois da sua viagem á *Hollanda*; foi assistir á festa do Anniversario da sua Coroação na Igreja Metropolitana; e o Arcebispo de Malinas prégou huma eloquente Oração, que foi ouvida com grande transporte, tanto pelo merecimento do Orador, como pela importancia do assumpto.

Sabe Deos com que vontade ouvirão os *Parisienses* este discurso! A necessidade, sem dúvida, os obrigou a ouvir com bom semblante os não merecidos Louvores do seu Tyranno; e parece impossivel, que algum *Francez* de bom juizo gostasse de ouvir memorar a época decisiva da sua escravidão.

Nós temos esta Oração transcripta no *Ambigu* de Janeiro, N.º 316, e sentimos não a poder inserir neste curto periodico para mostrar aos nossos Leitores a que ponto tem chegado na *França* o baixo estilo da lisonja. Que diria o famoso *Mirabeau*, tão fanatico da liberdade, se ouvisse este Orador tão fanatico da escravidão? Não podemos deixar de reconhecer a grande habilidade do Arcebispo em torcer o sentido da Escriptura Santa para applicar os seus Oraculos a *Bonaparte*; e se lhe dermos credito, diremos que os acontecimentos do povo de Deos ferão huma sombra allegorica dos acontecimentos da *França* no tempo de *Napoleão*. O thema he extrahido do livro de *Esther* nestas palavras = eis-aqui os dias, que nunca hão de ser esquecidos; e que a terra ha de celebrar sempre, de geração em geração =. A narração he huma prova fastidiosa, de que estes dias mencionados, são os da Coroação de *Bonaparte*, que veio livrar a *França* da oppressão, como fizera *Esther* com o seu povo, condemnado a morrer pelo decreto de *Assuero*; e depois desta bella comparação, faz outra inda peor assemelhando *Bonaparte* a *Zo*

robabel, e a *Esdras*, que restaurarão o Templo, e que derão á Religião de seus pais o seu antigo esplendor. O bom Orador fez com a Biblia o mesmo, que hum Rábula atengueiro costuma fazer com algum alfarrabio de leis.

Suecia 4 de Janeiro.

Contra-se do modo seguinte huma entre-vista extraordinaria entre *Bernadotte* Regente da *Suecia*, e *Alquier* Ministro de *Napoleão* em *Stockholm*, relativamente á admissão dos navios, que vem dos portos *Britanicos* com expedições *Americanas*, ao porto de *Gottenbourg*.

“ *M. Alquier*, Ministro *Francez* na Côrte de *Stockholm*, sendo avisado da parte do Consul *Francez* em *Gottenbourg*, de que o Conde de *Rosena*, Governador desta ultima Praça, tinha fechado os olhos sobre os navios, que entravão em *Gottenbourg* com expedições *Americanas*; ainda, que se sabia, que elles sahião dos portos *Britanicos*, *M. Alquier*, dizemos nós, tinha feito sobre este assumpto as mais vivas representações ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, o qual pediu logo ao Conde de *Rosena* huma explicação da sua conducta. A resposta do Conde foi communicada á *M. Alquier*, e não a achando satisfatoria, solicitou huma audiencia de *Bernadotte*, e lhe disse, que era hum facto bem conhecido, que os navios tinham vindo de *Inglaterra* em comboi, e que elle olhava como hum dos seus deveres fazer representações a este respeito. *Bernadotte* respondeu, que o Barão *d' Engstrom* havia já examinado este negocio, e que o Ministro *Francez* se contentára da explicação, que lhe fora dada. *M. Alquier* se lembrou então de dizer, que apartando-se do systema *Francez*, *Bernadotte* poderia merecer o que aconteceu a *Gustavo Adolpho*, e acabou expremendo a pena, que sentia de se ver na dura necessidade de despachar hum correio para informar ao Imperador dos *Francezes* sobre o resultado da discussão. *Bernadotte* replicou: V. E. pôde ser o portador dessa relação ao Imperador. *Bernadotte* se retirou então da Camara da audiencia, e *M. Alquier* partio poucas horas depois sem se despedir, e chegou a 20 de Dezembro a *Copenhague*.

Outra relação sobre a causa da partida brusca, que o Embaixador Francez fez da Suecia.

“ Em huma audiencia, que *Bernadotte* deu, *Alquier* pediu com hum tom de voz imperioso, que lhe fosse permitido communicar directamente com *Sua Alteza Real*, sobre todos os negocios relativos á sua missão, sem intervenção nem da presença do Barão de *Engstrom*, nem do Ministro dos Negocios Estrangeiros. *Bernadotte* respondeu, que huma tal permissão não tinha lugar, por ser contraria aos usos recebidos; e que elle estava determinado a nunca se apartar das fórmulas ordinarias das relações com os Ministros Estrangeiros. Pouco tempo depois, em huma conferencia official, que teve com o Barão

d'Engstrom, sobre as relações da *Suecia* com a *Inglaterra*, *Alquier* tratou o Governo *Sueco* de infame: (este infame Governo da *Suecia*, forão suas expressões;) este insulto causou naturalmente frieza ao Ministro *Francez*, de quem elle se queixava a *Bonaparte*. Este lhe ordenou, que na primeira audiencia, que tivesse com *Bernadotte*, lhe pedisse, que lhe enviasse *Engstrom*, o que elle fez, mas sem successo. Em consequencia, e conforme as instruções de seu Senhor, *Alquier* partio para *Copenhague* sem se despedir da Côrte.

Estas noticias prováo, que *Bernadotte* não tem muito boas disposições para concordar com o systema Continental. Mas já depois disto se diz, que elle tomára por boa preza as embarcações do comboi *Inglez*, que a tempestade do *Balico* fizera aportar ás praias da *Suecia*. As circumstancias mudáo o proceder dos homens; mas não lhes mudáo facilmente os sentimentos. *Bernadotte* não está ainda no caso de hir em tudo contra as ordens do Imperador, faz o que póde contra ellas, e se a fortuna algum dia o permittir he muito provavel, que se opponha em tudo ao systema da *França*. Deos o ajude. *Bernadotte* sera ingrato; mas *Bonaparte* tambem o he.

A seguinte anecdota extrahida do *Ambigu* em 10 de Janeiro faz ver em ponto pequeno o orgulho actual da *França* rebatido pelo *Inglez*.

“ Quando o Duque d' *Arenberg* chegou prisioneiro a bordo da fragata *Mermaid*, a fim de partir para *Inglaterra*, estava acompanhado de hum Official *Inglez*; e entrando a conversar sobre politica, veio a proposito dizer o Duque: “ que *Roma* era a segunda Cidade do Imperio *Francez*. „ O Official *Inglez* mostrou-se admirado, e disse, como póde ser isso, se *Roma* fica na *Italia*! Respondeo o Duque: „ Sim, mas não ves, que o Imperador reunio *Roma* ao Imperio! „ Poucos momentos depois quando a fragata estava para dar á vella, o Official *Inglez* despedio-se do Duque, e lhe disse: „ Senhor adeos; daqui a duas horas, conta de certo, que has de estar na *Inglaterra*. „ O Duque ficou admirado, e replicou: „ como he possível, que huma viagem de tantos dias se abbreve em duas horas! „ Então o Official se explicou desta maneira: „ daqui a duas horas has de estar no mar, e o Rei de *Inglaterra* unio todos os mares ao seu Imperio. „

L O N D R E S. 7 de Janeiro.

“ Fez-se a abertura do Parlamento *Britanico*, e o *Lord Chancellor* fez hum eloquente discurso em Nome de S. A. R. o Principe Regente. Neste discurso declara o Principe Regente a inquietação, em que vive de ver frustradas todas as esperanças sobre a saude de S. M., e em Nome, e por ordem de S. M. exprime a satisfação, que lhe tem dado o ver, que o Parlamento contiúa a dar os soccorros, e a assistencia mais efficaz para a sustentação

ção da lucta, que as bravas Nações da *Península* ainda mantêm com tanta resolução, e zelo. Depois agradece o bom successo das armas *Britannicas* sobre a *Ilha de Java*; mostra-se sentido sobre as queixas dos *Estados Unidos da America*, ás quaes já se havia dado satisfação; e protesta, que no progresso ulterior das discussões com aquelles Estados continuará a empregar todos os meios de reconciliação, que forem compatíveis com a honra, e a dignidade da Corôa, e com a justa manutenção dos direitos, e dos interesses maritimos, e commerciaes do Imperio *Britannico*.

Por este resumo, que acabamos de fazer do discurso do Chanceler no Parlamento, estão bem parentes os sentimentos do Governo *Inglez* sobre algumas arbitrariedades, que os *Inglezes* possão fazer no mar, como no sabido caso da fragata *Chesapeake*. Está claro, que o Governo leva muito a mal qualquer procedimento, que possa tornar odioso o nome de huma Nação, que deve ser o modelo da justiça, e boa fé na observação dos Tratados; e nós estamos persuadidos, que qualquer representação justa, que se faça áqueila Nação em casos de descontentamento, ha de ser bem attendida. A *Gran-Bretanha* he muito oppulenta para carecer de migalhas alheias. Nenhuma Nação tem mais conhecimentos para saber o direito das Gentes, e nenhuma tem mais lealdade, e lisura para observar este direito.

BAHIA.

Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 27. De *Caravellas*, Sumaca *N. S. da Ajuda*, Mestre, *Manoel Nunes de S. Anna*, 9 dias de viagem, carga 600 alqueires de farinha. Dono o mesmo Mestre.

Em 28. De *Santos*, Escuna *Beresford*, Mestre *André Francisco Rodrigues*; 16 dias de viagem, carga sortimento de generos daquelle paiz. Dono *Guilherme José Ferreira*.

Em dito. Do *Porto Alegre*, Bergantim *Lebre*, Mestre *João da Silva Leal*; 31 dias de viagem, carga 60 arrobas de carne, 300 de cebo, e 800 couros. Dono *João Nunes Ribeiro*.

Em dito. Do *Rio Grande*, Bergantim *Ezequiel*, Mestre *Francisco José Lopes*, 51 dias de viagem, carga 6400 arrobas de carne, 400 de cebo, e 400 couros. Dono *José Antonio de Siqueira Braga*.

Em 29. Da Capitania do *Espirito Santo*, Sumaca *S. Antonio Aviso*, Mestre *Pedro José de Azevedo*, 5 dias de viagem, carga milho, arroz, panno de algodão, e fio do mesmo. Dono *Antonio dos Santos Jacinto*.

Com Permissão do Governo.

BAHIA : Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva: